

Veículo: O Globo
Tipo: Jornal
Data: 19/10/2008

Apagão na informática

Falta de
mão-de-obra
qualificada pode
afetar oferta de
serviços de TI

Rodrigo March

Claudia Lemos é programadora da Alterdata Software, que tem sua sede em Teresópolis. Há seis meses, ela comunicou à gerência que teria que se mudar para o Rio, por questões familiares. A empresa manteve na capital apenas os setores comercial e de suporte, mas, para não perder a profissional, montou toda uma estrutura para que ela continuasse exercendo sua função no escritório do Rio.

O esforço da Alterdata não é em vão. Assim como outros setores da economia, a tecnologia da informação (TI) enfrenta carência de mão-de-obra qualificada. A explicação para o problema é a mesma da engenharia: o setor cresceu rapidamente, mas o mercado de trabalho não estava preparado para isso.

Para 63% do setor, não é fácil contratar

• Uma pesquisa da Associação das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação, Software e Internet (Assespro-RJ) revela que 63,8% do segmento de TI no Rio encontra dificuldade para contratar um profissional ou estagiário

qualificado. Em 48,2% das empresas, havia vagas em aberto, sendo que 34,3% eram para estagiários. Apenas 41,5% mantinham estudantes em seus quadros, o que mostra que o problema começa na formação — há gente insuficiente se graduando na área.

— Um bom programador de nível técnico está tão difícil de encontrar quanto agulha no palheiro. Houve um crescimento acelerado da tecnologia que não foi acompanhado na formação superior e técnica. Os mais experientes estão indo para o exterior. É uma área com muita mobilidade global. Hoje, um bom webdesigner pode trabalhar no Vale do Silício (na Califórnia) tranquilamente. Temos por um apagão de serviços de informática — diz Claudio Nasajon, presidente da Assespro-RJ e da Nasajon Sistemas.

Segundo ele, as companhias maiores têm procurado investir em universidades corporativas para dar conta da demanda. Já as pequenas empresas, que representam 97% do setor, estão se unindo, para não perderem oportunidades.

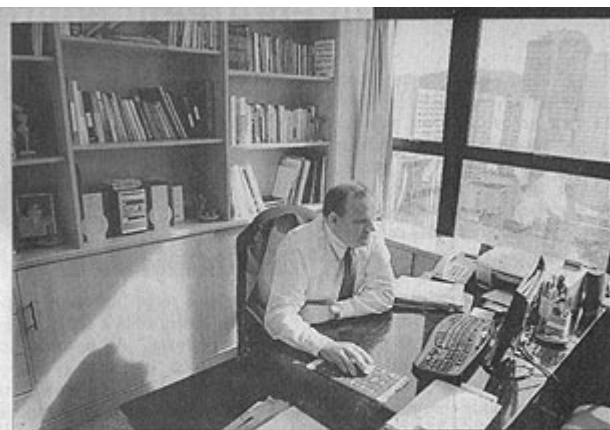
— Quando uma não tem um especialista para fazer determinada parte do serviço, ela subcontrata a outra. Com isso, estão começando a surgir empresas que fazem apenas uma etapa do processo, como na indústria automobilística. É o que chamamos de "componentização" da área de TI. Se por um lado a atual situação gera um freio no desenvolvimento, por outro oferece a possibilidade de quebrarmos um paradigma. Esse novo modelo de produção é mais eficaz do ponto de vista industrial e facilita a disseminação da tecnologia — sustenta Nasajon.

No caso da Alterdata, a empresa criou um departamento de treinamento para suprir a falta de qualificação. Além disso, valorizou profissionais como Claudia, que não teve que se desligar.

— Passei a me comunicar via ICQ, telefone, e-mail. Não é o ideal. Mas, até eles conseguirem treinar alguém para chegar no nível em que eu estava, a pessoa levaria, no mínimo, um ano para dar retorno. É um trabalho muito especializado. Apesar de as linguagens de programação serem as mesmas, cada empresa desenvolve os seus próprios sistemas — explica a programadora, que

CLAUDIA LEMOS
foi mantida pela
Alterdata, apesar
da mudança
de cidade





trabalha na Alterdata há seis anos.

A Webb, empresa de serviços de logística que utiliza processos online, também oferece cursos. Ainda assim, existem 24 vagas ociosas, seis delas abertas há cinco meses. Segundo a empresa, isso ocorre porque a velocidade das contratações não acompanha o crescimento dos negócios, em função da escassez de pessoal.

A principal dificuldade é encontrar profissionais para vagas de níveis júnior ou pleno, já que a maioria dos candidatos qualificados são seniores e têm salários mais altos. Ou seja, quem está começando no mercado ainda não possui a formação necessária para suprir a demanda.

A Documentar, outra do ramo de tecnologia da informação, tem uma média de 40 vagas mensais. Além da especificidade do negócio (gestão de documentos), a empresa esbarra na falta de qualificação técnica e de conhecimento de inglês, fundamental nesse meio.

— O investimento da empresa em formação é de cerca de dois anos e, quando o profissional está pronto, o risco de perdê-lo é grande. Por isso, adotamos algumas ações, como o programa de retenção de talentos — diz Rosália Paraiso, diretora da Documentar. *Continua na página 3*

CLAUDIO

Nasajon diz que mercado está se adaptando à falta de pessoal

O GLOBO NA INTERNET

► PUC lança novo curso de informática
oglobo.com.br/educacao/vestibular